

ENTREVISTA

FELIPE GIRAUD MORAES¹



¹Professor e intérprete de LIBRAS

Olá! Meu nome é Felipe Giraud Moraes. Nasci no dia 02 de Março de 1979. Sou casado com uma mulher maravilhosa que, incomparavelmente, tem também me apoiado em todos os projetos e atividades que temos desempenhado com relação a nossas conquistas profissionais. Temos um filho de apenas três anos de idade e já aguardamos,

felizes da vida, há aproximadamente cinco meses, a chegada de mais um novo herdeiro, ou herdeira. Sou oriundo de uma família simples, no que se refere a poder aquisitivo. Entretanto, ao meu lado sempre tive minha querida mamãe Ilma (adotiva), riquíssima em cultura e educação ou, pelo menos, riquíssima para acrescentar estímulo e disposição em prol das minhas conquistas. Considero de suma importância a presença da instituição chamada família, no processo de desenvolvimento das experiências de vida de cada indivíduo. Basicamente, minha formação educacional se divide em dois momentos marcantes: primeiro, minha habilitação educacional formal, pela qual, em 1996, concluí, com muita alegria e orgulho, o curso de Formação de Professores no Instituto de Educação Rangel Pestana. Esse foi um período dotado de sonhos, dos quais, com o passar do tempo, realizei grande parte, embora também tenha podido perceber que ainda não deixavam de existir grandes outras expectativas; o segundo momen-

to está relacionado com minha formação eclesial: no mesmo ano, também concluí honrosamente meu curso de Teologia Pastoral, pelo Seminário Teológico ESTEMME, na Cidade de Nova Iguaçu. Nesse momento, aliás, foi quando se iniciou minha paixão ardente pela Língua de Sinais, pois em ambas as áreas de atuação surgia a necessidade de me comunicar com indivíduos surdos. A partir daí, comecei a dedicar muitas horas de meus dias ao conhecimento deste novo e surpreendente universo. Por diversas vezes, me via abrindo mão de empregos, prazeres e outras oportunidades aparentemente promissoras, pelo simples fato de estar completamente arraigado a esta fascinante descoberta e logo percebi que me tornara um intérprete da Língua Brasileira de Sinais. Professor e intérprete, ambas as funções andando lado a lado em minha vida. Hoje, estou cursando a faculdade de Pedagogia da Universidade Estácio de Sá (Ufa, que sufoco!!!!). Mas, estou plenamente consciente de que grande parte do caminho que estou a percorrer em busca das conquistas como intérprete da LIBRAS deverá ser construído pelos inúmeros trechos de estrada trilhados por colegas da mesma área, ou deverei, provisoriamente, acrescentar cascalhos firmes e colocados com minhas próprias mãos.

“CONSIDERO DE SUMA IMPORTÂNCIA A PRESENÇA DA INSTITUIÇÃO CHAMADA FAMÍLIA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DAS EXPERIÊNCIAS DE VIDA DE CADA INDIVÍDUO.”

Quando começou a trabalhar como intérprete? Teve alguma dificuldade?

Tudo começou com um convite. Por ser estudante do antigo curso normal (atual Magistério, ou Formação de Professores), meus colegas e eu vivíamos correndo atrás de oportunidades de estágios, ou atividades que se pudessem somar à nossa carga horária. Foi quando, no último ano, uma amiga me convidou para fazer um curso de mímica que um “surdo-mudo” estava dando em uma determinada igreja. Achei curioso e aceitei o convite. Permaneci, enquanto minha amiga desistiu na primeira semana. Consegui então contatos com órgãos como a FENEIS e o INES a fim de fazer cursos ligados à área. Todos os conheci-

mentos que obtive nesses cursos foram excelentes, porém, minha sede só foi saciada na convivência intensa e diária com a própria comunidade surda.

Quanto a dificuldades, tive bastante, ou melhor, o suficiente para amadurecer o exercício desta função que assumo hoje. Uma das maiores foi a falta de formação adequada para quem gostaria de ser intérprete da LIBRAS (como no meu caso). Todos a quem eu recorria em busca de respostas me diziam apenas que era o tempo e a prática que os tornavam qualificados. No entanto, algumas perguntas me atormentavam: Como e por onde começar? Como obter o devido reconhecimento perante a comunidade de surdos e entre os poucos intérpretes que já estavam na

“QUANTO A
DIFICULDADES,
TIVE BASTANTE, OU
MELHOR, O SUFICIENTE
PARA AMADURECER O
EXERCÍCIO DESTA FUNÇÃO
QUE ASSUMO HOJE.”

ativa? Surpresa !!! A resposta estava na minha frente, ou melhor, nas minhas mãos. Bastava ser “carade-pau”. Igual a tudo na vida, era necessário apenas começar... Outra grande dificuldade estava na ausência do uso fluente de alguns termos próprios da LIBRAS (gírias), o que, fundamentalmente, pode ser grande barreira na aceitação do nosso trabalho pela comunidade de surdos. E cada vez mais me empenhava em esforços redobrados para tornar-me um deles. A meu ver, era necessário me sentir um surdo.

Tem amigos ou familiares surdos?

Às vezes, me confundo! Surdos na minha família ? Não sei... Brincadeirinha! Não tenho familiares surdos. Entretanto, posso afirmar que 90% de minhas amizades são de surdos. Minhas visitas, meus alunos, meus colegas de trabalho, etc. Até meu filhinho se envolve com suas pequeninas mãozinhas, quando recebemos amigos surdos em nossa casa. É uma gracinha!

Pode comentar sobre uma situação em que interpretava e experimentou algum tipo de problema maior?

Para consolo de muitos colegas, já passei por diversos constrangimentos enquanto interpretava. Constrangimentos tanto na

tradução do português para a LIBRAS, quanto da LIBRAS para a versão da voz. Daria para escrever sobre “as crônicas de um intérprete”. É lamentável que a maioria dos que iniciam passem pelo massacre e a opressão de pessoas que, de algum modo, estão presentes não para aplaudir, mas para prontamente julgar. E é aí onde acabam ficando intimidados o suficiente para cometerem erros, ou apenas acharem que erraram. Incrível como isto é verdade! Meu conselho, para você que esteja vivenciando uma situação semelhante, é: não se martirize. Você não é uma máquina. Pense no seguinte: por mais grosseiro que seja ver por este lado, se você é quem foi convidado para responder por determinada interpretação é porque, obviamente, não foi encontrado outro para estar em seu lugar naquele momento. É você e pronto. Paciência. Não temos culpa se nunca nos foi oferecido algo que nos preparasse e nos encaminhasse para estágios e treinamentos. Temos menos culpa ainda se os ditos críticos desconhecem todas as implicações inerentes ao complexo processo que acontece com nosso cérebro e todo o nosso corpo, durante o período de qualquer interpretação. Posso dizer que comigo os problemas encontrados são outros. Tenho me defrontado com problemas ligados à Lingüística, principalmente nos trabalhos de interpretação em sala de aula.

“É LAMENTÁVEL QUE A MAIORIA DOS QUE INICIAM PASSEM PELO MASSACRE E A OPRESSÃO DE PESSOAS QUE, DE ALGUM MODO, ESTÃO PRESENTES NÃO PARA APLAUDIR, MAS PARA PRONTAMENTE JULGAR.”

Amigos, muita atenção para este ponto: a língua de sinais possui uma gramática própria tão complexa quanto a de qualquer outra língua e o que estará em jogo não será a disputa pelo domínio de qualquer conhecimento, mas sim a falta de cumplicidade e parceria, que devem existir entre profissionais. Considero imensa falta de respeito quando ignoramos a diversidade de saberes. Situações assim ocorrem por fatores que considero pequenos demais para serem comparados ao que se poderia estar fazendo em benefício do surdo.

Na atualidade, pensa que existe uma suficiente qualifica-

ção da parte de pessoas que têm trabalhado como intérpretes? Por favor, justifique sua resposta.

Talvez, eu pudesse estar respondendo com uma outra pergunta: Que tipo de formação torna um intérprete qualificado? É bastante complexo analisar o processo de formação de um intérprete de LIBRAS / Português, principalmente se este se inclina a atuar como profissional. Além de conhecimentos básicos gerais acadêmicos, em seus estudos, toda formação pressupõe conhecimentos específicos. Logo, para que intérpretes possam gozar plenamente de uma grade curricular que atenda às suas necessidades, se faz necessária a elaboração de algo específico para este

“AMIGOS, MUITA ATENÇÃO
PARA ESTE PONTO:
A LÍNGUA DE SINAIS
POSSUI UMA GRAMÁTICA
PRÓPRIA TÃO COMPLEXA
QUANTO QUALQUER
OUTRA LÍNGUA”

fim. Em outras palavras, os princípios que deverão reger esta possível organização didática e pedagógica não poderão estar baseados em modelos pré-existentes de formações acadêmicas convencionais, haja vista que necessidades bastante peculiares ao exercício desta outra função têm sido levantadas a cada dia que passa. Todos os intérpretes de LIBRAS, que de algum modo têm tido seu reconhecimento perante a comunidade de surdos, podem ser considerados não somente qualificados, mas também dotados de poderes multifacetados, já que, quase sempre, conseguem um grande índice de êxito na realização de suas interpretações e nas mais

diversas áreas que se possam imaginar. Seria interessante, quem sabe, termos intérpretes com formações profissionais concernentes sempre à área em que for designado para atuar. Todavia, correríamos o risco de, por exemplo, na área judicial, termos um advogado ou juiz assumindo a função de intérprete, com prejuízo da respectiva e específica função judicial igualmente indispensável. Ou iríamos reafirmar erros como do tipo em que “o intérprete de sala de aula deve saber lecionar o que estiver interpretando”, ocasionando assim conflitos entre distintas funções: lecionar e interpretar. De todo modo, creio que o

intérprete da LIBRAS não é e nem deve ser visto como um profissional mal realizado, que assume “meia” função daquilo que não conseguiu ser. Também não concordo com a aparição de qualquer pessoa se candidatando ao cargo de intérprete e, no entanto, fico bastante preocupado com métodos de avaliações a que são submetidos como candidatos, principalmente no que se refere a exigências de formação, até pelo fato de que ao que se saiba, nada tem sido oferecido a este respeito.

Pode sugerir maneiras pelas quais intérpretes (como você) possam aperfeiçoar-se, cada vez mais?

Muitos já devem ter ouvido falar da fábula da convivência e, neste momento, é a ela que gostaria de inicialmente me referir, mesmo sabendo dos tantos espinhos naturais que sempre possuímos. A fábula conta que, por serem naturais de regiões mais frias, porcos espinhos precisam viver em grupo a fim de conseguirem trocar calor entre seus corpos e suas almas, o que também significa que a melhor maneira ainda é vivermos em grupo. A união ainda é a melhor alternativa! Ninguém melhor do que um outro intérprete para fornecer condições e informações para o crescimento de seus pares. É claro que o curso de LIBRAS é essencial. Mas, fico muito feliz em ter a oportunidade, bem diferente da que tive em meu início, de estar aqui falando a leitores aspirantes a esta árdua função: são necessários não somente a formação nos mais diversos níveis do curso de LIBRAS, mas, também, um total empenho em conhecimentos teóricos e práticos inerentes ao vasto universo da surdez e suas implicações. Vale a pena sugerir que se tenha particular atenção para o que estiver sendo oferecido a esse respeito e até mesmo a procura de curso de oratória, curso de aperfeiçoamento em língua portuguesa, lingüística, neuro-lingüística e outros mais complexos. Ler pode ser a chave de tudo.

“...PARA QUE INTÉRPRETES POSSAM GOZAR PLENAMENTE DE UMA GRADE CURRICULAR QUE ATENDA ÀS SUAS NECESSIDADES, SE FAZ NECESSÁRIA A ELABORAÇÃO DE ALGO ESPECÍFICO PARA ESTE FIM.”

No Rio de Janeiro, existem organizações que cuidam dos direitos e deveres de intérpretes de LIBRAS/ Português?

Especificamente, ainda não. Existe a ANGILES, que é a Associação Nacional de Guias-intérpretes e Intérpretes da Língua de Sinais. Esta associação tem tentado mobilizar nossa classe, a fim de podermos reivindicar direitos e deveres relacionados ao nosso trabalho. A maior dificuldade encontrada para o sucesso dessas ações, porém, está na falta de reconhecimento legal dessa nossa função em nível trabalhista. Algumas poucas e raras iniciativas foram tomadas pela Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos/RJ que, em parceria com o INES, promoveu dois

“NINGUÉM MELHOR
DO QUE UM OUTRO
INTÉRPRETE PARA
FORNECER CONDIÇÕES E
INFORMAÇÕES PARA
O CRESCIMENTO
DE SEUS PARES.”

módulos de um curso de capacitação profissional do intérprete da LIBRAS, sendo que o último ocorreu no ano de 1999. Algumas outras iniciativas têm surgido a fim de promover um maior conhecimento para esses profissionais, sendo que as mesmas são idealizadas e realizadas por outras instituições ligadas aos surdos e/ou partem de pessoas ou grupos independentes.

Na LIBRAS, regionalismos criam problemas para os intérpretes?

Acho que agora posso falar sobre minhas experiências pessoais e, a partir daí, levantar um parecer bem próximo da realidade da maioria de nós intérpretes. Não tenho visto grandes problemas nos regionalismos apresentados na fala de surdos e intérpretes com os quais pude me relacionar também em outros estados. Novamente, fica válido ressaltar a importância de nossa convivência profissional diretamente com a comunidade surda. Todo esse processo deveria se dar de maneira natural, como acontece com os ouvintes. Ademais, mesmo que você não entenda o que é macaxeira, ou mandioca, ou aipim, quando ouve alguém falando, ao invés de ficar em dúvida, ou curioso, sempre se podem usar indagações naturais sobre o significado e se aprenderem novas expressões, não é?

Quer deixar uma mensagem final?

Na verdade, vou tentar um apelo. Acho que não seria demais pedir um pouco de respeito para os profissionais da interpretação. Fala-se muito sobre a falta de reconhecimento legal desta categoria... Discute-se muito sobre a falta de formação profissional e adequada para os intérpretes da LIBRAS... Ao mesmo tempo em que se discute a importância ou não deste trabalhador nos mais variados aspectos, acontece uma luta acirrada por parte de quem depende deste conhecimento... Quantas contradições, não? E isso não pára por aí... Na realidade, acho que as pessoas devem ter um outro olhar sobre esses aspectos. O fato é que este profissional existe, que ele está na ativa. Conheço

histórias surpreendentes de pessoas que deixaram tudo para se tornarem intérpretes. Pessoas que, como eu, dedicaram muito do seu tempo para se tornarem excelentes usuários de LIBRAS e, por conseqüência, ótimos profissionais de interpretação. Mas, infelizmente, se perguntam se tudo terá valido a pena, ou se perderam seu precioso tempo, ao se depararem com inúmeras opressões, no desenrolar desta carreira. Quando passa por uma seleção, uma entrevista, ou seja lá o que for para ocupar uma possível vaga de intérprete, você nunca vai imaginar que

“ACHO QUE NÃO SERIA
DEMAIS PEDIR UM POUCO
DE RESPEITO PARA OS
PROFISSIONAIS DA
INTERPRETAÇÃO. FALA-SE
MUITO SOBRE A FALTA DE
RECONHECIMENTO LEGAL
DESTA CATEGORIA...”

toda a sua bagagem de conhecimentos e formação acadêmica não terá nenhum valor, seja em momentos cruciais de questionamentos, ou de avaliações de seus direitos como trabalhador. Nessas horas, o intérprete é simplesmente colocado em segundo plano e considerado sem nenhuma formação cabível, perdendo seu direito de questionar a super exploração do seu trabalho, ou a ética inerente à sua função. Este apelo se estende a você que, de uma forma ou de outra, divide seu espaço com um intérprete da LIBRAS. Estende-se também às instituições que se dizem sérias em seus trabalhos com indivíduos surdos, mas que ainda não reconhecem dignamente direitos, limitações, ca-

pacidades e, principalmente, o sucesso alcançado por cada profissional responsável em respectivas áreas de interpretação. Será válido cobrar, se tiverem ocorrido investimentos necessários. Entretanto, se somos bons ou ruins, se damos conta ou não do “recado”, serão respostas que também nós poderemos oferecer. Se somos divididos, com certeza não fomos nós que optamos por isto. Somos todos aprendizes da mesma língua, mas, formados por escolas diferentes e escolas que também a vida nos ofereceu. Quando nos encontramos...pode acreditar numa coisa: mesmo com todas as nossas diferenças, ainda somos um.